EDITORIAL MOURA PINTO NA BENFEITA
ESPAÇO MANUEL DA COSTA

28 MAIO 2022

Mudar o curso do mundo? Não sei se lá chegaremos.
Do que não se vão vangloriar é da nossa capitulação.
Manuel da Costa

Por um novo Espaço, por uma personalidade marcante

Realizemos uma apreciação sobre o porquê da extensão da Editorial Moura Pinto para este novo espaço na Benfeita.

Para principiar, porque a Cultura deve ser partilhada. Espalhada e difundida. Se o Artista criasse para si e apenas para si, estaria a criar Cultura? Este ato, realizado perante um vazio sem interlocutor, seria uma inócua manifestação dos seus pensamentos e da sua visão do Mundo. Inconsequente. Ilógica. Contraditória. A Cultura não surge, assim, no momento da conceção da obra, mas sim no ato da sua partilha. É, nessa medida, fulcral existir interlocutor. Quem pretenda conhecer a visão do Artista. Quem se proponha a estar recetivo a novas experiências. Quem queira alargar os seus horizontes e a sua conceção da realidade.

E qual o terceiro elemento, muitas vezes esquecido, nesta dança entre Artista e recetor? O espaço. Espaço físico e metafísico. Espaço físico como este, que hoje inauguramos. Que faça encontrar artistas e o seu público. Que se pretende que contribua para o desenvolvimento da Cultura na Benfeita e para a promoção de novos e promissores artistas locais.

Por outro lado, numa Torre de Babel de obras e de conteúdos difundidos de forma quase instantânea na sociedade contemporânea, com todos os benefícios que esta realidade nos traz… surgem algumas dificuldades. De escassez de espaço interior. De reflexão. De silêncio. Para que seja a vontade individual a escolher a Cultura que se consome, e não a cacofonia do mundo exterior a limitar essa escolha. Com a missão de tornar este local num ponto de partilha de Cultura de qualidade, mas também de reflexão e pensamento, propõe-se a Editorial Moura Pinto a dinamizar este novo espaço. Não será este mais do que a consequência natural da missão que a Editorial tenta chamar a si, como instituição criadora, promotora e difusora da Cultura.

Resta-nos, portanto, explorar as raízes da denominação deste espaço em honra de Manuel da Costa. Em primeiro lugar, há que conhecer a sua história.

Manuel Francisco da Costa nasceu em Felgueira Velha, Oliveira do Hospital, a 15 de junho de 1936. Em relação à vida estudantil, frequentou as escolas de Regente Agrícola de Coimbra e de Santarém, mantendo-se dentro da área durante a maioria da vida profissional até à aposentação, em particular a nível da Direção Regional da Agricultura da Beira Litoral. Foi membro da Confederação Nacional das Uniões Distritais de Agricultores, tendo sido secretário-geral da instituição no início dos anos 80.

No que toca à vida política, começou por participar nos congressos da Oposição Democrática em 1969 e em 1973. Membro da Ação Socialista Portuguesa, acabaria por se filiar no Partido Socialista (PS) após o 25 de Abril de 1974, onde pertenceu à Comissão Nacional. Foi deputado do PS, por Coimbra, na Assembleia Constituinte de 1975 e, mais tarde, pelo círculo de Évora, na Assembleia da República em 1979 e 1980, onde integrou a Comissão de Agricultura. De destaque, foi Governador civil de Évora entre 1976 e 1978.

A nível desportivo, foi um dos fundadores do Comité Regional de Râguebi do Centro, em 1972. Em 1986, foi campeão nacional de râguebi pela Associação Académica de Coimbra. Manteve, ao longo das décadas, a ligação a este desporto, tendo sido dirigente da secção de râguebi da Associação Académica de Coimbra e fundador e membro ativo do Clube de Râguebi de Coimbra. É autor das obras *A crise e a agricultura* (Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas, 1971), *As simbologias do rugby nos quarenta anos da Académica* (Editorial Moura Pinto, 1995), *Do homem e da terra* (Editorial Moura Pinto, 2016) e *O rugby* (Editorial Moura Pinto, 2021).

Tão importante como a história, há que reconhecer a personalidade. Da agricultura, à política e ao râguebi, os seus valores centrais sempre se mantiveram inabaláveis. A convicção com que sempre se insurge contra as injustiças. A força com que sempre trabalha para uma sociedade mais justa e mais fraterna. Para que a nossa comunidade, toda ela, enriqueça a vida de todos a que a ela pertencem.

A energia com que se faz ouvir, sempre que a ocasião o pede. Com gritos de revolta. Gritos de insurgência. Gritos de força e paixão. Gritos que silenciam todos os que os ouvem. Não pela intensidade sonora, mas pela pungência do seu conteúdo. Gritos que nos exigem mais, sempre mais. Mais solidariedade, mais trabalho, mais entrega para com os outros. Mais amizade, mais fraternidade. Gritos que nos relembram tudo o que ainda está por fazer. Palavras que nos chamam para a luta. Qual farol moral. Qual visão de um Futuro melhor. Sem nunca perder a humildade que o caracteriza.

Cada indivíduo, por si só, não muda o Mundo, mas alguns indivíduos, no local e no tempo certos, fazem toda a diferença. E que diferença, Manuel da Costa!

Coimbra, abril de 2022
Rúben Carvalho
Presidente da Editorial Moura Pinto

Manuel da Quinta há só um!…

No meu primeiro ano em Coimbra, ocorreu um episódio de que me recordo até hoje.

No Largo da Portagem, juntou-se uma pequena multidão estudantil, em frente a uma pastelaria, que se dizia ser frequentada pelos "teddy boys", grupo de meninos bem, os "copinhos de leite" e que, sob modelo importado do Reino Unido, os seus membros usavam vestimentas que não se enquadravam no meio coimbrão.

Os ânimos estavam exaltados. A multidão pressionava e os clientes da pastelaria receavam o pior… Então, a polícia interveio para restabelecer a ordem. Eis que, não se sabendo de onde, surgiu um penico, voou sobre os manifestantes e acertou no boné do comandante, o conhecido chefe Carlos. Quem foi? Quem não foi?... Ninguém deu conta de nada… O chefe não sofreu qualquer sofrimento, houve gargalhada geral e tudo acabou em bem.

Anos depois, o autor da "proeza" confessou-nos que tinha sido ele. Quem? O Manel da Quinta! Acrescentou que, depois do sucedido, encontrou o chefe Carlos e pediu-lhe desculpa.

É assim, o Manel! Arrebatador, impulsivo, soltando frequentemente o seu grito de revolta contra as injustiças! Apaziguador, quando entende que o deve ser, seguindo a máxima do nosso Mestre Fernando Valle: "Devemos ser tolerantes, mas não parvos!"

Eternamente ligado a Coimbra, com um percurso político imaculado, só granjeou, nos meios em que trabalhou e nas áreas desportivas, amigos!

A menina dos seus olhos continua a ser o rugby, confundindo-se a modalidade com o Manel.

Ao longo de décadas de convívio com ele, só posso agradecer-lhe o carinho com que sempre me tratou e dizer-lhe o meu obrigado pela sua amizade.

MANUEL DA QUINTA HÁ SÓ UM!...

Alípio de Melo

O Manuel da Costa é uma força da natureza.

Físico, voz, linguagem e valores fazem dele um cidadão exemplar e único.

Meu colega, camarada e parceiro de muitas batalhas politicas.

As reuniões com agricultores no Vale do Mondego, onde nasceu o primeiro plano de rega do pós 25 de Abril ficaram históricas.

Ambos na Assembleia constituinte e como Governador Civil em Évora, acalmamos os ânimos do pós P.R.E.C. num Alentejo em efervescência revolucionária.

A adaptação da linguagem nos comícios ou nas reuniões do mundo rural era o que mais me impressionava.

Os valores da solidariedade, democráticos e as amizades fazem do Manuel da Costa um Cidadão exemplar.

Solidarizo-me com a justa homenagem que os amigos lhe prestam, e nos quais me incluo.

Um abraço amigo e fraterno do António Campos

"Bordão"

(Ao Manuel da Costa)

"Pisa a terra descalço à dureza
O passo apressado aligeira a demora
A sílaba incerta decanta em leveza
Breve acorda em actos para fora.

Aponta metas no calvário das mágoas
Decora as campas de má vizinhança
Molha as certezas e agita as águas
Libertando palavras que canta e dança.

Lava os dias e as noites de tréguas
Conspira do tempo atento ao espaço
Risca a direito em esquadros e réguas
Desenhando belas ovais no passo.

Descobre os céus e as nuvens abriga
Desassossega o silêncio, amante da paz
No corpo ofendido a verdade mendiga
Profanando as trevas e do falso incapaz.

Bebe do cálice nos grandes templos
Efémero na vida só à morte resiste
Sangue do seu sangue são os exemplos
Do que foi, o que é e porque existe."

Carlos Maia Teixeira

Bom seria que todos nós, seus Aios, pudessem dizer o mesmo, no dia em que com Ele nos aprestarmos a atravessar enunciada Ponte Fernando Valle, que vai ficar a "fazer a ponte" entre as margens direitas esquerda do "seu" rio Alva. No final de contas, a dar com pelo cumprimento ao desígnio que foi o da sua vida: fazer "as pontes" que a ciclópica travessia do século lhe foi exigindo com a plena convicção de que, por essas pontos, fluiriam o trânsito das ideias e dos princípios, no sentido da esquerda, onde sempre militou, e aí edificar o mundo novo - O Mundo da Liberdade.

Coja, 2 setembro 2000
Manuel Francisco da Costa

SOU REBELDE PORQUE SIM!

Quem convive com o Manel quer ser mais próximo e amigo. A mim faz-me o favor de me considerar seu amigo.

O Manel é um rebelde contra a injustiça o centralismo e a prepotência.

O Manel é um democrata, republicano, humanista, um pedreiro livre.

O Manel não se encaixa dentro de um fato que o aperta da gravata que o sufoca e os sapatos de verniz fazem-lhe certamente calos no mindinho.

O Manel sente todo o conforto dentro da sua camisola de lã de ovelha, tricotada a duas agulhas em ponto de meia pela sua mãe, enquanto o seu pai fala das agruras da vida e lhe ensina "que não se pergunta se o boi marra, outrossim: para que lado marra o boi?".

O Manel, todos os dias pela manhã, sai da casa da quinta para cumprir o seu dever de ir à escola. O primeiro acto, já automatizado, é desfazer a poupa no cabelo que a mãe lhe tenta armar, uma moda que constatou ser uso na cidade.

Dentro do conforto da camisola de lã, o Manel, sentado na quarta fila, permanece atento ao questionário feito pelo professor sobre os dados pessoais e familiares de cada aluno da turma. Menino fulano, profissão do pai: industrial; comerciante da loja pronto a vestir; ourives; médico…etc. até que chegou à quarta fila.

Menino Manuel da Costa, profissão do pai? O Manel levantou-se, como se "de pé e à ordem" e estridente, acordou toda a turma: Agricultor e a minha mãe é doméstica! Logo se soltaram os sorrisos e o menino dos caracóis sorriu balançando os ombros. No final da aula juntaram-se ao Manel o filho do Carpinteiro, o filho do Zé Alfaiate, o filho do Merceeiro da aldeia e outros cujos pais faziam o sacrifício e o esforço financeiro para mandar os filhos estudar e que afinal tinham muitas coisas em comum para além das suas mães terem a profissão de "doméstica". O Manel tinha mostrado ali, na adolescência, a irreverência e a rebeldia e uma liderança espontânea que o haviam de acompanhar até aos dias de hoje. Os amigos, alguns que ainda o acompanham seja no desporto ou à mesa sabem e reconhecem todo o seu percurso de vida.

Esta rebeldia iria acompanhá-lo toda a vida de uma forma doseada aplicada a cada situação que se lhe deparava. Ainda hoje quando é preciso dizer NÃO… ou NADA!...Mesmo nos tempos de ditadura o seu NÃO! nunca foi manifestado em surdina ou de voz abafada. Nem que para se fazer ouvir tivesse que voar um penico e o disparo acertar nas frentes cabeçais de algum sargento incauto.

O Manel é feliz com esta rebeldia e nós reconhecemos-lhe o estatuto e a razão. É o prazer a felicidade do momento, como se de um Try em voo se tratasse. E sentimos depois de cada intervenção: Boa… 5 pontos Manel!...

O Manel da Costa, o Manel da Quinta, o Manel do Râguebi, o Manel Socialista, o Manel pedreiro livre é um humanista, um democrata, um republicano, um HOMEM. Um homem que detesta o cheiro a bafio do poder e dele quer distância, detesta o fato de plástico a calça vincada, a gravata de seda e o sapato de verniz. O Manel gosta de se sentir confortável na sua camisola de lã de ovelha e nós gostamos dele assim tal como é: genuíno.

O Manel não é o maior; o Manel é o melhor.

Um Forte e Fraterno abraço,

DO HOMEM PARA OS HOMENS

Sendo o mais que posso, assumo desde já a dificuldade que tive em escrever em texto, sobre alguém que é um mito, uma instituição dentro de instituições e meu tio, para que o leitor não fique com a sensação de que me tenha deixado levar por um estilo hiperbólico na produção do mesmo. A existência e presença do meu tio Manel sempre foi isso mesmo… a personificação da hipérbole.

Perdoe-me tio, são só as palavras do seu sobrinho.

Do Homem para os Homens

A inauguração da sala na Benfeita, com o nome do tio Manel, personifica em si só o indivíduo. As raízes profundas de educação e valores transmitidos por pais analfabetos que tudo fizeram para dar voz aos filhos, através da formação escolar, numa época que o país era um exemplo perfeito do ostracismo e pobreza, herdado de geração em geração. Uma luta travada em silêncio, mas com convicção, pelos meus avós, que tomou forma na voz inconfundível do tio Manel. Tudo se tornou uma luta para ele. Uma luta pela procura do que é justo e igual. Para que essa luta seja travada por todos, sem excepção. Assim, facilmente se explica o seu fascínio pelo rugby, pela academia e pela intensa participação política que protagonizou durante décadas, bem como o seu contributo sempre presente nas causas sociais mais nobres.

Para terminar, desejo que o espaço que se inaugura seja uma janela aberta ao mundo! Que simbolize e perpetue o combate sem tréguas às desigualdades de oportunidades que o interior do país teima em forçar manter. Um espaço onde cada um de nós terá sempre um papel importante, ferramenta fundamental para anular o conformismo e inoperância dos Homens, base essencial para lutar contra o escalar obsceno da tirania e desumanidade, que teima em tapar a luz de uma parte considerável do mundo.

Chapeau, mais uma vez, para a Editorial Moura Pinto, pela procura incessante da Igualdade, Liberdade e Fraternidade entre os povos.

O seu sobrinho
Filipe Costa

Manel da Costa

Conheci o Manel e o Júlio num mês de Agosto, na década de 50, na Figueira da Foz.

Num fósforo, passaram mais de 65 anos!

Um tempo em que era possível realizar grandes jogatanas de futebol, na praia, tendo sido, assim na prática desportiva, que encetámos a caminhada.

Se que o soubéssemos, ainda, erámos vizinhos em Coimbra na Comeada /Olivais. Na zona, viviam também muitos jovens.

Vivíamos em comunhão e partilha! Partilha de tudo e sobretudo de ideias e de ideal. Ansiávamos por mudanças que proporcionassem um avida melhor.

Sem darmos por isso ansiávamos por Liberdade, Igualdade e Fraternidade !

Quem mágica triologia.

Ao tempo e o tempo corria, vivíamos em plena Ditadura – Policia Política, Censura, Partido Único, simulacro de Eleições, Guerra Colonial!

Era preciso mudar!

Entretanto e sem darmos por isso criamos o BAY-Dallo, inspirado nas "Repúblicas" de Coimbra, onde convivíamos, discutíamos, sonhávamos!

O tempo continuava a correr. Estávamos no limiar da universidade, no limiar da tropa e da guerra para muitos de nós.

Erámos todos da Académica, naturalmente!.

O Manel e o Raul Corcileiro iniciaram-se na prática de Rugby no velho campo de Santa Cruz. A académica captava novos praticantes e aos poucos muitos de nós seguimos os seus passos. De tal forma que e determinada altura, a equipa principal da Académica era constituída na sua maioria por malta do Bay-Dallo.

A nossa presença, forte presença, aliás, reforçou o espírito fraterno que o Rugby necessita o que veio a determinar a constituição de uma boa equipa no panorama nacional.

Entretanto o tempo ia correndo, as lutas estudantis sobretudo em Coimbra e Lisboa intensificaram-se e a secção de Rugby da Associação Académica de Coimbra apoiou e participou na luta .

Nem podia ser de outra forma!

Queríamos a mudança!

Em tudo o que sucintamente fica dito o Manel esteve lá!

Há também uma personalidade que não pode ser esquecida - o Prof. José Burun – técnico do então INDU – Instituto Nacional dos Desporto Universitário – que na década de 60 chega a Coimbra para treinar algumas secções da Académica, entre os quais o Rugby.

Foi um de nós!

Anexo uma fotografia de uma das equipas de Rugby da Académica onde estão 8 jogadores oriundos do Bay-Dallo.

É obra!

Os nomes (que me desculpem aqueles, poucos, que não recordo) são:

Em cima (da esquerda para a direira):
2º Tony
3º Andrade
5º Virgilio
6º Olavo
7º Fernando
8º júlio
9º Manel

Em baixo (e pela mesma ordem):
1º Zé Carlos
2º César Pegado (Celibé)
3º Floro
4º Zeca Sobral
5º Zé Baeta Vale
7º Zé Varandas

Alguns já não estão connosco.

As saudades são imensas.

Que tempos!

Lisboa, 15 de Maio de 2022

José Baeta Vale

Cedo o percebi e cedo procurei aliados. Das quintas (Espinheiro e S. Jerónimo) do bairro (Cumeada) à cidade (Coimbra) e desta ao País foi a insatisfação em permanência que ainda hoje me norteia e mantém na liça.

Manuel da Costa

Colocado perante a tarefa de registar através da escrita, os valores que cimentaram, entre nós, um profundo e sincero amor, na nossa já longa existência, não há palavras, como na guerra, que testemunhem, na plenitude, os sentimentos desta harmonia.

Encerrado este intróito, mãos à obra.

Refugio-me na escapatória da vertente partidária, da cidadania política, emergente dos valores da democracia (liberdade, igualdade e fraternidade), para trazer à tona, a tua fala oratória icástica, audível e percetível, sem populismo nem demagogia. Terá sido o leite que mamaste que te transmitiu os valores intrínsecos a um Povo, carregado de misticismo, iletrado e, causticado pelo trabalho, sem horário, na penúria de uma agricultura de sobrevivência. Era a alvorada da longa noite da ditadura.

O simbolismo desta homenagem, perpetuada na Editorial Moura Pinto, na Benfeita, paredes meias com a Mata da Margaraça, museu vivo da nossa floresta tradicional, atesta o teu empenho na construção de uma sociedade fraterna e filantrópica.

Um abraço do irmão
Júlio Costa

És um constituinte de 75, sem biografia publicada. Foste Governador, Repúblico repetente, nasceste em 36 e nunca mais acabas. A Felgueira, por ser Velha, não te agradou senão mais tarde, tinhas um desejo urbano em menino de aldeia. Não sei quando o teu olhar se suavizou mas sei que voltou à tensão inicial. Não consegues descansar, tens que estar sempre em fervença.

Regente em Santarém, funcionário na Beira. Estreaste as letras nos anos setenta, os punhos muito mais cedo. Telúrico desde as raízes, nunca tiraste os pés da terra. Talvez as mãos mas nunca a alma, se tens alma. É isso. Um desalmado. Não! Haja alma até Almeida e nunca desalmado.

Opositor, tinhas que ser opositor. Socialista, sim mas opositor sempre, também aos socialistas quando foi o tempo certo. Congressista e campeão (eles sabem lá o que é um campeão, pensam que estou a falar do desporto, aquele teu outro vício que te ia matando várias vezes e que te deu o Ciniro e outros eternos e fraternos).

Tinhas que estar em todo o lado. Fundador, moderador, continuador, inspirador, jogador. Treinador. Foi aí que me apareceste e foste marcador.

Sabes Manel, há muitas variedades de estrelas e todos temos um potencial de Luz. Algumas muito radiantes mas periodicamente desaparecem. Outras mais ténues e mais constantes. Outras intensas e fugazes, eclipsam-se. Também as há incómodas, que cegam mais do que iluminam. Outras são luas, só reflectem. E as eternas. Eu sei lá! Mas nunca sabemos quanto iluminamos os outros. Não depende da Luz, depende do iluminado.

Do Nel(o) para o Manel

Do crocho da Serra de Monchique ao pau da barca de S. Bartolomeu

Interrogado se é melhor aprender latim ou matemática, Agostinho da Silva respondeu: "é melhor não ser estúpido!". Também agora, chamado à dissertação sobre "As Serras", apresto-me para deambular por tudo que é sítio e daqui e dacolá espevitar o que de mais marcante me povoa a memória.

É o Tomaz da Fonseca que, nas faldas da Serra do Caramulo e do Bussaco, assume a florestação dos montes escalvados da sua Marmeleira, editando o livro «O Pinheiro» e disseminando penisco por tudo que é monte e gentes a ponto de cognominar a região por Irmânia.

É Aquilino Ribeiro que, mais acima, na Serra da Lapa, onde os lobos uivam, grita o seu protesto por o salazarismo correr, da serra dos Milhafres, com os cabreiros para dar lugar aos madeireiros, omitindo que Viriato tinha sido pastor e não lenhador!

É o Eça que da sua Tormes disserta sobre a cidade e as serras.

É o Torga que de S. Leonardo de Galafura visualiza os socalcos do Douro, imaginando-se a vogar sobre aquele Vale que o Marquês de Pombal ousou demarcar como a primeira zona vinhateira a nível mundial.

Que raiva, que ensejo, que ânsia de não ver acontecer o mesmo para a Serra do Açor e suas congéneres. Até a Serra d'Aire e dos Candeeiros teve mais "sorte", graças à "Senhora na Azinheira"!

Como dizia Sócrates, o filósofo, "eu não quero ensinar nada a ninguém, eu só quero fazê-lo pensar".

Pensamento foi o que terá levado o Seixas, tribal correligionário do Rugby da Associação Académica de Coimbra, agora sob os auspícios do avô José da Costa, a congeminar dos montes e vales mais do que as cordilheiras que a escolástica do sistema nos perseguiu.

É o Térroivo, a Salgueirinha, o Vale Chideiro, as Moitas de Baixo e de Cima a desenhar a orografia na nossa infância. É a Serra d'Ossa, a da diafa, do pão torrado e depois encharcado no azeite de cada safra. É Monchique da procura do crocho (ou coxo), cujo recipiente ainda hoje nos persegue a saciar da sede física e da nostalgia metafórica dum perpétuo viver feliz: "acalorada, cansada, sem recursos e poucos haveres, procura ali e acolá até ao achamento do 'haja deus'".

De permeio, o Rio Bestança (o menos poluído da Europa), que da Serra de Montemuro beija Cinfães e se espraia no Douro. São as pedras parideiras na Serra da Freita, com as cantigas de Manhouce entoadas pela Isabel Silvestre. É a barragem de Girabolhos, no Alto do Espinho, que a Endesa desistiu de erigir, deixando assim de poder compensar a atávica escassez de água da barragem de Fragilde por um sistema transvásico.

E é o costumeiro histerismo em oposição à extração do lítio (o maná do século) em Montalegre, mas também na Gardunha com as turquesas na Serra da Argemela e do feldspato em Lavacolhos.

Até a Pampilhosa da Serra, que passa a vida a queixar-se de que ninguém lhe liga, também a chorar e a protestar o desconhecido: "fiquemos como estemos – cuidem de nós".

Infelizmente, o povo da revolta não é o povo da revolução. É-se contra isto, não se é por aquilo!

Deixaram arder o País inteiro e vão deixá-lo arder outra vez. Até agora, uma só Alma, o António Louro, vereador em Mação, disse como é que deve ser: sociedades de aldeia em que não se mexe na propriedade, apenas na gestão. É o ovo de Colombo: cinco técnicos por concelho. Basta que os façam levantar os cus dos gabinetes onde não prestam para nada, nem servem para coisa nenhuma. Querem mais? A seguir ao 25 de Abril, descortinada uma falta atávica de assistência médica às populações, decretou-se o paradigma dos chamados "médicos à periferia". Cinquenta anos depois é o que as pessoas ainda hoje mais enaltecem.

Na Malcata como em Coja não se sabe o que apareceu primeiro, se o lince, se o rio Alva. No Catarredor, onde o Zé Puto clama pela "malta da tribo", também nós enquanto mandantes na Serra da Lousã fazíamos distribuir alimento aos javalis, lá no alto, para que estes não descessem aos terrenos de cultivo dos povoados. Em 1871, Eça de Queiroz dizia que "o País perdeu a inteligência e a consciência moral. A prática da vida tem uma única direcção, a conveniência". Depois espantamo-nos que um autocarro de dois andares seja suficiente para transportar os 85 mais ricos do mundo e, com eles, 17 triliões de dólares, mais do que as posses de metade da população mundial. "É a vida", dizem alguns! "Desculpas de mau pagador", exclamam outros!

Estamos como o astrofísico Raul Cerveira Lima, que, em oposição à tirania da luz, clama: "Deixem a noite ser noite". Impedir que a noite seja noite tem sido o desígnio alcançado com grande eficiência pelo capitalismo contemporâneo: iluminam-se as grandes metrópoles para que o mundo permaneça em funcionamento vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas durante os sete dias da semana, sem feriados e dias festivos, impondo luzes cada vez mais fortes de modo a extinguir a noite. Até os pirilampos se extinguiram! Mudar o curso do mundo? Não sei se lá chegaremos. Do que não se vão vangloriar é da nossa capitulação.

Goethe, ao morrer, pediu mais luz, mas a luz de Goethe não era da iluminação, era a do Iluminismo, que é a nossa: a da relação entre a luz e a razão e entre a sombra e o irracional, inauguradora da razão crítica moderna, da secularização, do progresso histórico, da emancipação através do saber.

Conclui-se explicitando melhor a forma que imprimimos à abordagem do tema proposto – As Serras. Foi tudo ao correr da pena: ideia lembrada, texto escarrapachado.

A 23 de Setembro de todos os anos no Ribeiro do Castelo na Póvoa dos Luzianos, comemora-se o êxito das colheitas, banhando-se as pessoas no chamado Poço Santo, compensando de permeio com oferendas a São Bartolomeu, santo esculpido em madeira, vigente em Ermida ali localizada e à socapa sacar-lhe um pedaço de lenho (amuleto).

No regresso, de entre os peregrinos que se faziam transportar no barco da travessia, há um que se havia comprometido em levar para uma crente enferma o tal lenho, no entanto esqueceu-se de o furtar. Apoquentado com tal esquecimento, recorreu à navalha do farnel e saca da barca o lenho em falta. Encomenda cumprida, volvidos dias, a então enferma, sarada dos seus males, veio de agradecimentos e compensações. Moral da história: o que salva não é o lenho do santo mas sim o Pau da barca.

Remate Final

Como nos legou o Maçon Padre António Vieira, «entre todas as injustiças, nenhumas clamam tanto ao Céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres e as que não pagam o suor a quem trabalha".

E porque hoje aqui cumprimos o nosso dever, é o tempo de enaltecer, neste seu espaço, Fernando Valle, aureolado no seu nome simbólico Egas Moniz, o Aio, que de baraço ao pescoço honrou a palavra dada e junto de Nós fundou a Editorial Moura Pinto que, irmanada à Fraternidade e Justiça, tem esculpido a pedra bruta e com ela feito erigir a Catedral que falta.

Manuel da Costa
Coja, 13 de Julho de 2019

Manuel da Costa: *Irreverente no Desporto e na Política"*

A 14 de Maio de 2022, de maneira festiva e solene, procede-se à inauguração do espaço a que vai ser dado o nome de Manuel da Costa.

Vamos certamente ouvir excelentes discursos onde serão proferidas e ficarão ditas expressivas falas de exaltação e de justo reconhecimento ao Homem de grande mérito e valor que é o Manuel da Costa.

Após felicíssima decisão faz-se pública a real gratidão do proprietário do imóvel, da Editorial Moura Pinto e dos seus amigos,

A honrosa mas difícil tarefa de falar sobre o Manuel da Costa, ou *Manel da Quinta* porque, como afirma, sempre viveu numa quinta, foi-me imposta sem olhar à responsabilidade que o facto comporta perante o próprio, a categoria dos presentes na sessão de inauguração e até a humildade da minha pessoa.

Faço-o com total agrado por imperativo de consciência e justiça.

Que a sinceridade posta nestas descoloridas palavras cheguem para me desculpar e agradecer a benevolência de quem se vê obrigado a ler-me, cartão de livre trânsito que tentarei cumprir o melhor que puder.

Dito isto passemos à parte seguinte para que a missão se cumpra tão inteira e válida como e para o que me foi solicitado.

Manuel Francisco da Costa nasceu a 24 de Maio de 1936 na Quinta da Tapada em Felgueiras Velha, Seixo da Beira, Concelho de Oliveira do Hospital, filho de pais humildes, trabalhadores que adoçavam a vida dura com trabalhos da enxada, sem vagar para o ter registado em tempo útil, só o tendo feito em 15 de Junho.

A instrução primária foi feita nas Escolas de Caldas da Felgueira, Póvoa de Stº. António e Posto de Ensino de Vale Torto.

Inicia o curso dos liceus no Colégio Grão Vasco em Nelas, prestou provas do 2º. Ano no Liceu Nacional de Viseu, concluindo-o frequentando em Coimbra o Liceu D. João III e os Colégios Camões e D. João de Castro.

Frequentou as Escolas de Santarém e Coimbra onde faz o curso de Regentes Agrícolas, estagia na Circunscrição Florestal de Coimbra e defende tese em 1961.

Passa a integrar os quadros da Junta de Colonização Interna em Lisboa, é enviado numa brigada para o Baixo Mondego, realizando trabalhos nos mais diversos locais do país para onde era destacado.

Torna público em jornais e revistas artigos de opinião sobre agricultura, temática a que se dedica e, em 1972, a edição do Sindicato dos Regentes Agrícolas publica " A crise e a Agricultura", de que é autor, posteriormente reproduzida por capítulos no jornal "República" no suplemento de Economia.

Depois de 25 de Abril de 1974 é nomeado Director Regional do Instituto de Reorganização Agrária em Coimbra, presidindo à Comissão Distrital de Dinamização Agrícola, interrompendo em 1975, por compromissos políticos, a sua actividade profissional.

Regressa em 1983 à Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral e em 1994, por lhe ser pedido, apresenta, por força das directivas do 2º. Quadro Comunitário de Apoio, o trabalho muito aplaudido "Programas de Valorização do Meio Rural em Zonas Deprimidas".

Considerado "***Irreverente no Desporto e na Política"*** numa entrevista dada a Fernando Madail, é preso pela PSP e pela PIDE em 1960 por se insurgir contra as práticas do regime.

Em 1961, solidarizando-se com a luta académica, recusa-se a participar em jogos oficiais de Rugby, defendendo que a actividade devia ser paralisada na época de 1961/62 e em 1969 e 1973 está presente nos Congressos Republicanos e Democráticos em Aveiro, participando em campanhas eleitorais da oposição nesses anos.

Adere ao Partido Socialista em 1974 sendo eleito Deputado à Assembleia Constituinte e depois à Assembleia da República pelo distrito de Coimbra.

Em 1976 é nomeado Governador Civil de Évora e posteriormente eleito por duas vezes Deputado à Assembleia da República.

Oponente ao "Soarismo" torna-se militante activo no chamado " Grupo do ex -Secretariado" em 1983, apoiando Victor Constâncio para Secretário Geral do Partido Socialista e é mandatário concelhio da candidatura de Salgado Zenha.

Desencantado com a forma de fazer política interrompe a vida partidária, " sem se reformar de nada nem pretender fazê-lo", participando em 1995 nos Estados Gerais do Partido Socialista nas áreas do Desenvolvimento Regional e da Agricultura.

Recuando aos anos de 1954/1955 recordamos que para além de fazer parte do futebol júnior do Atlético Clube de Coimbra, equipa satélite da Associação Académica de Coimbra, participou na prova de 5000 metros das festas do Colégio Camões e no cortamato de recrutamento da Associação Académica de Coimbra, provas que venceu, continuando a praticar atletismo.

Em 1956 inicia a prática do jogo da "bola de melão", mas oficialmente a partir da época de 1959/60, altura em que começa a programar a vida em função do Rugby, dedicando-se inteiramente à modalidade, sendo notável a sua biografia desportiva.

Pratica oficialmente Rugby na Associação Académica de Coimbra de 1959 a 1986, sendo pela 1ª. vez capitão em 1962, ano em que, na crise académica, esteve em confronto com o sistema e não foi autorizado a jogar durante um ano.

Convocado para a selecção nacional em 1962 pediu dispensa e entre 1968 e 1973 é treinador de juniores e seniores, habilitado com o curso de educador de Rugby obtido em Paris, mantendo-se como jogador, ficando célebre a divisa por ele criada: "***Esfarrapa-te por ganhar, não te esfarrapes por ter perdido".***

Em 1969 e 1971 frequenta cursos em Paris e Toulouse, fundando em 1970 o Rugby Clube de Coimbra e é treinador de Agronomia em 1984, vencendo em 1986 o Torneio Nacional de Reservas.

Por convite do CDUP participa em 1993, como veterano, no torneio da Comunidade Europeia em Heidelberg na Alemanha.

Nos anos 70 é árbitro oficial da Federação de Rugby Portuguesa, Presidente da Assembleia Geral dos Árbitros, dirigente federativo desde os anos 80 e em 1987 integra a Escola Técnica Nacional como professor na área da arbitragem.

No ano de 1989 cria no Comité de Coimbra o Grupo de Apoio à Arbitragem Centro – Norte e em 1990 é eleito Presidente da Comissão da Federação de Rugby Portuguesa, recusando-se a tomar posse em solidariedade com o amigo que tinha sido destituído das funções.

É indigitado coordenador das equipas técnicas da Associação de Coimbra em 1992 e nomeado em 1993 Director Técnico Regional do Centro, elaborando neste ano um estudo sobre a evolução do jogo.

É autor do estudo " Que Rugby?", publicado nos anos 70 no suplemento desportivo do jornal "O Século" e de vários artigos de opinião sobre a temática desportiva espalhados por várias revistas e jornais.

Em homenagem ao Rugby da Associação Académica de Coimbra escreve em 1995 "As Simbologias do Rugby nos Quarenta anos da Académica" e em 2021 a brochura "O Rugby", publicados pela Editorial Moura Pinto de que é sócio fundador e Ex – Presidente da Direcção.

Homem eminente, de grande moralidade, com a luz brilhante da verdade permanentemente acesa, com o pensamento ancorado no esplendor da realidade, determinado em contribuir para destruir os sofismas que se opõem ao livre desenvolvimento da inteligência, Manuel da Costa é uma pessoa especialmente comprometida com os outros e com a sua consciência.

Não se confessa porque não vai arrepender-se.

Age interna e externamente em estrita fidelidade e profunda devoção aos princípios e aos valores de referência, que coloca acima dos suas próprias necessidades e desejos, que foram sempre e continuam a ser a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

Fala de Liberdade porque se liberta das fraquezas humanas, fala de Igualdade porque venceu as suas ambições, fala de Fraternidade porque substituiu o orgulho e a vaidade pela modéstia e pela humildade e pode instruir porque combateu a sua ignorância pelo estudo e pela reflexão, influenciando a nossa vida pelo ensinamento transmitido.

A Editorial Moura Pinto convidou alguns amigos do Manuel da Costa para perpetuarem no tempo, através de um pequeno jornal, o Homem com sentimentos de dever e lealdade, modesto perante a responsabilidade com que se depara, que é contra uma sociedade conivente com as injustiças e é uma referência de cidadania.

Conheci pessoalmente o Manuel da Costa em Novembro de 1990, já lá vão mais de 31 anos.

Até então apenas sabia que era engenheiro, oposicionista ao antigo regime e amigo do Dr. Fernando Valle, um ilustre pedagogo e mestre da sabedoria, da tolerância, da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, destacada personalidade sobre a qual Manuel da Costa escreveu o livro "Fernando Valle, o Homem e a História".

A partir de Novembro de 1990 o Manuel da Costa, "*Manel da Quinta*", passou a ser para mim uma referência humana e de coerência, devido às suas convicções nobres que dão à vida a sabedoria, a força e a beleza.

Que a sua dedicação ao Rugby e aos amigos perdure por muitos mais anos, porque precisamos do seu estímulo e do seu exemplo.

Precisamos de continuar a admirá-lo como modelo contra o triunfo do egoísmo e a falta de afecto, contra a lógica dos interesses e da competição desigual.

Obrigado *Manuel da Costa (Manel da Quinta) por seres como és.*

Casimiro Nogueira

Maio de 2022

A Associação Moura Pinto tem pautado a sua atividade essencialmente na "homenagem" e a enaltecer os vultos que ao longo da nossa história contemporânea e não só, que com todo o respeito o merecem. Alguns anos esteve de certo modo inativa, mas que hoje podemos dizê-lo com convicção, se encontra em atividade plena e ambiciosa.

E porque está ambiciosa, vamos criar o seu espaço com toda a força e vigor. E que mais honroso seria criar o seu espaço vivo com o nome de " FERNANDO VALE"? Venha o primeiro e atire a sua pedra...

Associados da "Editorial Moura Pinto", de ontem de hoje e de amanhã, juntem-se a nós e ajudem-nos a sermos grandes...nos valores, nas ações e atitudes.

VIVA A EDITORIAL MOURA PINTO.
VIVA FERNANDO VALE.

O Presidente da Assembleia Geral
António Augusto

O Manel, filho do povo, Homem da Terra.

Cado seus pais perceberam que algo mais era preciso, para que os seus filhos compreendessem que o Mundo que os rodeava não era só aquele que conheciam.

Deixando a sua Beira, rumam a Coimbra onde, depois de uma curta passagem pela Quinta do Seminário, assentam arraiais na Quinta de S. Jerónimo, nos Olivais.

O Manel, ainda "bicho-do-mato", temperamental, bruto e irreverente, pense que só se poderia impor pela sua força física que a natureza lhe dera, pela luta, passando a ser o temerário Manel da Quinta".

Vendo que desse modo não seria conhecido segue pela via desportiva, futebol sem jeito...), atletismo, onde é campeão de 5000 e 10000 metros, vindo a descobrir oRugby.

Aqui percebe que estava o desporto para homens irreverentes e leais que sabem que para chegar a linha de meta têm de contar com os companheiros, ter coragem para com os adversários, e resistir às placagens desses mesmos adversários, levantando-se e prosseguir a sua marcha.

Aqui torna-se num grande jogador, capitão de equipa devido às suas qualidades de líder.

É treinador, arbitro, dirigente e jornalista.

Continua inconformado com o tempo que se vive cheio de injustiças sociais. Fala, toma posições inconvenientes para os gestores do Pais, toma posições no trabalho que como regente agrícola vem desenvolvendo.

Em Abril de 74 já filiado no PS inicia as suas campanhas. É deputado Constituinte,

Governador Civil de Évora, escreve, participa em comícios e debates por toda a parte, mas cedo se apercebe que algo se está a desvirtuar e não querendo prostituir-se como outros, afasta-se da política activa.

Ao escrever nos 40 anos da secção de Rugby, percebemos que começa a percorrer o caminho que sempre apregoou: companheiros, fraternos e solidários.

A estrada é diferente, difícil mas é uma estrada de lugares que os homens procuram.

Continua, Manel.
O Manel é meu Amigo,
Celibe,

Nota do Escrivão:
Prof César Pegado....foi quase tudo na vida e no Rugby, companheiro de sempre
Abril de 2019

Quem é o Manel Francisco da Costa? Para mim, é o Manel da Quinta.

Por volta de 1961, por ter vindo com a família de Angola para Coimbra, fui viver para a Rua Luís de Camões com os meus Pais e 10 Irmãos.

Nessa altura jogava futebol nos Juniores da AAC. A actividade desportiva na Cumeada era grande, devido ao empreendedorismo do Manel da Quinta que formou o "Baidálo", na quinta que seus pais arrendaram. Provas de Atletismo, futebol, de 5 e 11, Andebol e Rugby de que foi o maior dinamizador. Nesta ultima modalidade que abraçou como sua, foi atleta, treinador, seccionista, responsável pela arbitragem na zona centro, etc. Organizador de diversas viagens a Espanha, França, etc. Na sequencia disso, viria a ser um dos impulsionadores e fundadores do Rugby Club de Coimbra.

Como disse, cheguei de Angola e fui cair directamente onde a camaradagem era exemplar: no Bairro da Cumeada.

De atleta Júnior/Sénior do futebol, onde face aos regulamentos da época de "não amador", passei para atleta amador do Rugby, devido exclusivamente ao efeito de amizade e convivência que jamais existiria, devido ao Manel da Quinta.

Passados uns anos, fui um dos técnicos da DGD (Direcção Geral dos Desportos) responsável pelo desenvolvimento do Rugby, nas iniciativas e programas realizados. Não posso deixar de referir a excelente colaboração da Arbitragem e na elaboração de diversos documentos técnicos de apoio à formação de árbitros. O Manel tinha sempre tempo para colaborar.

Na sua enorme actividade politica, fui sempre um seu admirador, quer como deputado, quer como Governador Civil de Évora, etc.

Foi devido ao Manel da Quinta, que com 18 anos abandonei, já como Sénior, a secção de futebol da AAC. Fiz uma mudança radical da minha vida, pois passei do futebol profissional, para atleta de Rugby, actividade completamente amadora, uma opção de vida, recusando várias propostas com compensações financeiras aliciantes, de diversos clubes de futebol. Diga-se que, o treinador Pedroto, então na Académica, também contribuiu para o meu afastamento, face a um castigo que considerei injusto, dois meses depois de ter sido incluído no lote de jogadores seniores. Abandonei os treinos sem qualquer justificação e passeia a jogar Rugby.

Obrigado Manel pois ajudaste a uma decisão de um Jovem homem de que nunca se arrependeu.

António Cabral Fernandes (Tony)
Coimbra 8 de Abril de 2019

Caro Manel

Apesar de sermos de diferentes gerações, desde a minha tenra idade que me habituei à tua presença. Na minha juventude tinha-te como uma pessoa altiva, irreverente e com uma enorme paixão pelo Rugby. Quem pode esquecer a celebre festa dos teus 50 anos? Quem pode esquecer a história do murro na Mula? Quem pode esquecer os jogos de veteranos em que, apesar de seres o mais velho, nos davas exemplos de forte envolvimento e dedicação ao jogo?

Com o passar dos anos e com a paixão pelo Rugby da Académica a unir-nos cada vez mais, julgo que criamos uma relação de reconhecimento mútuo e de grande amizade.

Deixamos de discutir tanto o que se passa dentro de campo, e passamos a preocuparmo-nos mais pelo crescimento e sustentabilidade da nossa secção.

Somos feitos dos mesmos valores e sentimos que, hoje, devemos muito do que somos, ao Rugby. Aprendemos a sofrer em equipa e a transformar as derrotas no melhor ensinamento para as próximas conquistas.

Criamos uma cultura própria e somos apaixonados por esta forma diferente de estar na vida.

És uma personagem única e, ao longo dos tempos, não só contribuíste para a transformação e desenvolvimento deste espirito, mas tiveste ainda a preocupação de deixar perpetuado a nossa história nos diversos livros.

As amizades não se agradecem, mas sim o legado que cá fica.

Obrigado Manel.
Abraço,
Picão

Paulo Picão Eusébio - Presidente da Secção de Rugby da AAC
Abril 2019

Com o tempo que me deram , dedico estas palavras ao espaço Manuel da Costa:

Espaço que tem por patrono Manuel da Costa não admite conversa velada ou reserva mental, nem é lugar para qualquer jogo de mercearia; a personalidade ímpar que lhe atribui nome, impõe que este novo Espaço seja aberto e franco a tudo o que o coração e a alma aí queiram dizer, sempre em muito alto e em bom som.

Criação humana que, desassombradamente, tenha pretensões universais. Pois que, como já a sucessivas gerações ensina o autor Do Homem e Da Terra, a todos os deserdados da terra se reconhecerá dignidade e deles se reclamará e escutará a sua voz.

Tem, por aí, este novo Espaço horizonte para crescer e, desde já, inspiração para existir.

Valete, Fratres

Joaquim Ramos Pereira

Texto de apresentação do livroc "DO HOMEM E DA TERRA

O Manel Francisco da Costa nasceu em Maio de 36 numa pequena aldeia da Beira Alta mais precisamente na Felgueira Velha, Concelho de Oliveira de Hospital filho e neto de agricultores.

A dureza da vida do campo, e a vontade determinada dos seus pais que queriam proporcionar aos filhos uma formação académica e consequentemente uma vida melhor foram que ainda em jovem viesse viver para Coimbra, onde a família tomou de arrendamento uma quinta junto Bairro da Cumeada, que posteriormente lhe viria a dar a alcunha do Maneel da Quinta- dizia na altura que em todo a sua vida sempre tinha vivido numa quinta.

Com uma juventude irreverente, foi enumeras vezes personagens de estórias e lendas, algumas sobejamente conhecidas como seja, o murro na mula ou o desafio á trupe inteira.

Tirou o curso de Regente Agrícola tendo defendido tese em 1961.

Ingressou nesse mesmo ano nos quadros da Junta de Colonização Interna, onde realizou diversos trabalhos e estudos sobre o a agricultura como fator de desenvolvimento socioeconómico do País.

Em 1972, publica um trabalho sobre o tema "a crise na agricultura" em edição do sindicato dos Regentes Agrícolas, que viria mais tarde, a ser publicado por capítulos no Jornal "a Republica no suplemento de economia.

Cedo tomou consciência política, apoiando a luta académica de 1961, e insurgindo-se contra as práticas do regime de então, o que lhe valeu uma passagem pelos calabouços da PIDE que só grapas à intervenção milagrosa do Dr Pegado, não teve maiores consequências.

Participa nos Congressos Republicanos e democráticos de 1969 e 1973, bem como, nas campanhas eleitorais desses mesmos anos pela CDE Comissão Democrática Eleitoral.

Em 1974, adere do Partido Socialista e a sua participação política tornou-se muito mais intensa tanto no ponte de vista partidária, como nas ações de esclarecimentos das populações, o que viria a culminar com a sua eleição para a Assembleia Constituinte.

Em 1976 foi eleito para a lª Assembleia da Republica após 25 de Abril, tendo em dezembro desse mesmo ano a pedido do Dr. Mário Soares, e com o sentido do dever cívico, lembro que estávamos em plena fase do reforma agrária, abandonado o hemiciclo de S. Bento, para assumir as funções de Governador Civil de Évora.

Após ter cessado as funções como Governador Civil de Évora, voltou a ser eleito deputado da nação, tendo posteriormente participado no grupo do ex-secretariado, bem como, apoiado ativamente a eleição de Salgado Zenha para a Presidência da Republica, tendo mesmo sido seu mandatário concelhio, contra a vontade da direção do Partido Socialista, que na altura apoiava a eleição do Dr. Mário Soares.

Desencantado como a forma como estava a ser conduzido o Partido, viria em 1986 a abandonar a politica partidária ativa, mas não abdica duma participação cívica e de politica construtiva, nomeadamente na área da sua formação, tendo feito parte do IDARC, Instituto de Desenvolvimento Agrícola da região Centro, onde publicou diversos estudos e artigos de opinião, sem esquecer o trabalho extraordinário que teve, como responsável pelo Desenvolvimento Rural na Região da Lousa.

Em 2001, aceitou ser candidato a presidente da Câmara de Oliveira do Hospital, seu concelho natal, mas apesar da grande mobilização em torno da sua candidatura, haveria de não ser eleito, vitima também ele do desaire eleitoral autárquico sofrido pelo Partido Socialista que provocaria a demissão do então primeiro-ministro António Guterres.

Sendo esta apresentação no auditório Salgado Zenha, lógico será falar do Manuel enquanto pessoa ligada a esta academia.

Muitos não saberão, mas o Manuel iniciou a sua atividade desportiva no atletismo, contudo foi no Rugby que ele tomou uma dimensão nacional.

Embora não sendo fundador da secção de Rugby da AAC, foi um dos seus primeiros atletas, como prova a sua inscrição como federado, que tem o número 415.

Como atleta, bem como na vida, sempre seguiu como orientação um forte sentido de companheirismo e de solidariedade.

Jogador determinado, duro mas leal, de espirito combativo foi um exemplo para os seus companheiros, e angariou o respeito dos seus adversários, qualidades essas aliadas a um forte sentido do jogo, lhe valeram a chamada á seleção nacional, que viria contudo a declinar por divergências com a federação.

Em 1968 com a saída do Prof Brum, assumiu as funções de treinador dos seniores e juniores da secção. As estruturas organizativas e desportivas eram na altura muito rudimentares, o que, obrigava o Manuel a ter uma atividade mais alargada, pois tinha que se preocupar com tudo o que dizia respeito á secção até aos mais ínfimos pormenores. Dizia na altura, em artigo publicado, que a sua vida era programada em função do rugby.

Em 1971, e depois de uma digressão a Clemont Ferrand, foi o primeiro e principal impulsionador para a criação do Rugby Clube de Coimbra, tendo sido mesmo durante muitos anos, o titular do seu arrendamento.

Em 1973 haveria de abandonar as funções de treinador da Académica, mas nunca deixou de ser um grande entusiasta do Rugby da AAC, tendo sempre tido uma participação ativa em todas as atividades coletivas da Secção.

Como atleta, participa em diversos torneios de veteranos, tendo mesmo, e já com cinquenta anos, sido campeão nacional de reservas. Como elemento da secção, participa ativamente nas diversas manifestações coletivas, como seja, a descida para ria, a maratona para a Figueira, ou no Franca-Gales.

No plano nacional, foi árbitro oficial da FPR durante mais de trinta anos, tendo sido presidente da Assembleia Geral dos Árbitros de Rugby, e criado no âmbito do Comité Regional de Rugby do Centro, um núcleo de apoio à arbitragem do centro-norte.

Escreve diversos estudos e artigos de opinião em vários jornais e revistas, destacando-se as que publicou no jornal desportivo o Século, sobre o tema "Que Rugby".

Sempre interessado pela vida da AAC, aceitou ao longo dos anos desempenhar diversas funções entre elas a de Coordenador das equipas técnicas, a de Diretor Técnico Regional do Centro mais recentemente, o de Presidente da Assembleia Geral da Secção.

Em 1995, publicou o livro Simbologia do Rugby nos Quarenta anos da Académica que embora estivesse terminado em Outubro desse mesmo ano, quis que o mesmo só fase apresentado no dia 8 de Dezembro, data de aniversário do Rugby Clube.

Nesta obra singular de valor inquestionável, faz uma abordagem sobre a evolução do rugby em geral, mas sobretudo relata a vivencia da secção de rugby desde a sua criação até a data da sua publicação. Estamos á espera como se diz agora com "upgrade" até aos dias de hoje.

Agnóstico, discípulo da teoria do Grande Arquiteto, Manuel da Costa é sobretudo um Homem de Causas, de carácter único, com um discurso eloquente e apaixonado, de espirito revolucionário, nunca se guiou pelo conformismo ou pelo politicamente correto, sendo sempre frontal nas suas atitudes, o que lhe valeu alguns dissabores e fomentou algumas inimizades.

Como homem do rugby, e um dos que resta da Tribo, estou imensamente grato ao Manuel tudo o que me ensinou, pelo exemplo que é e principalmente pela sua amizade

Jorge Silva

O Homem da Terra

Conheci Manuel da Costa, em 2001, por altura das eleições autárquicas, quando foi candidato, pelo Partido Socialista, à Câmara Municipal da nossa terra – Oliveira do Hospital.

Já tinha ouvido falar nas várias histórias e vivências do "Manel da Quinta" ou "Manel da Burra", do seu discurso na varanda da Câmara Municipal, após o 25 de Abril, que o meu pai ainda hoje lembra, mas foi nessa campanha que testemunhei a tenacidade do Homem na defesa dos seus valores e da nossa terra.

A sua voz era e é inconfundível, bem como o seu grito de revolta contra as injustiças que o rodeiam.

Desde cedo se habituou a não calar a sua revolta e a estar na luta da frente, na defesa dos seus ideais e dos mais desfavorecidos, quer nos tempos da resistência antifascista à ditadura, quer como Deputado Constituinte à Assembleia da República, Governador Civil de Évora, nos tumultuosos tempos da reforma agrária, na sua paixão pelo rugby.

Manuel da Costa simboliza bem a trilogia Liberdade, Igualdade, Fraternidade e tem sido um privilégio e um ensinamento, para a vida, poder privar com ele.

Já tive oportunidade de o fazer na comemoração dos 48 anos do 25 da Abril, na nossa terra, e volto a fazê-lo agora. Obrigado!

Ricardo Figueiredo

Rebeldia, emoção e razão

Como falar do irmão mais velho, a quem tratávamos por "mano", sem saber porquê! Só mais tarde compreendi que tinha também como sinónimo "o inseparável". Até aos dias de hoje se confirma tal sentido.

Neste momento, o que me apraz falar é da tua forma de ser e da tua relação com a Mãe, em toda a caminhada da vida.

Essa eterna mulher entre as mulheres, soube ser psicóloga, socióloga, sem saber o significado de tais palavras, compreendendo-te como ninguém, devido à sua sagaz inteligência emocional.

A tua rebeldia manifestou-se muito cedo, na fuga à escola primária, mas que a Mãe soube resolver, internando-te na casa da professora Maria da Luz, em Canas de Senhorim, para que fizesses dois anos da escolaridade num só ano, recuperando assim, o ano perdido. Ela sabia das tuas capacidades! O teu percurso escolar foi atribulado, porque não te acomodavas às regras e a insatisfação permanente, acompanhou-te ao longo da vida. Apesar de tudo, a Mãe Céu nunca desistiu de ti! Teve sempre tempo para te ouvir! A terna intimidade do relacionamento mãe-filho. O "porto de abrigo", o lugar emocionalmente seguro, proporcionando consolo e abrigo, ou simplesmente estando presente e escutando.

Essa Mãe vanguardista, sabia que não te acomodarias às regras da tropa, e recorreu-se do Dr. Nunes Vicente, para te livrar do serviço militar, uma vez que fisicamente seria de todo impossível. Ela sabia que, onde a lei era a obediência, a tua rebeldia te conduziria à prisão. Acabaste por experimentar a cela, mais tarde, na Pide em Coimbra e foi essa "Mãe Coragem" que te salvou. Para ela não havia impossíveis! A força do Amor não aceita barreiras!

Lembras-te as vezes que pediste à Mãe para te arranjar um emprego? Ela respondia-te que só depois de teres um curso. Cumpriu com a sua palavra e foi desse emprego que te aposentaste. A razão esteve sempre do lado dela!

Sobreviveste às intempéries da adolescência e soubeste canalizar a tua rebeldia contra o poder instituído, contra uma ordem que nos roubava o sentido da nossa existência. Quase atingiste o grau de sujeito! Não há sujeito que não sofra com a desgraça dos outros, que não seja rebelde, dividido entre a cólera e a esperança.

Toda a homenagem que te possa ser prestada, terá que passar pela Mãe vanguardista que se negou a ter filhos recurso, apostando em filhos projeto. És o fruto desse projeto!

Sei que no teu íntimo haverá sempre um preito de gratidão, para quem te proporcionou uma sólida base de apoio, como o que tiveste ao longo da tua caminhada. Foi essa base estável que te permitiu enfrentar os desafios, ganhando energia e concentração, confiança e coragem.

Sei o quanto Ela se orgulhou de ti.

Termino com um poema de Miguel Torga, que fez o favor de ser teu amigo, alertando-te para moderares as palavras, a quando dos comícios. Também ele sabia da tua rebeldia!

Talvez te retrates nele.

Voz Ativa

Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio conformado,
Cegue com outra luz a luz do dia.
Desassossega o mundo sossegado.
Ensina a cada alma a sua rebeldia.

O abraço da irmã que esteve sempre na tua sombra.

Rosa Branca

O Manuel

Dizer algo sobre o Meu Amigo Manel, corro o risco de me dizer que não digo nada de jeito "falas muito mas não mas não dizes nada..."mesmo assim vou arriscar.

Comecei a ouvir falar do Manel muito cedo...o Homem do Rugby. Tinha muita curiosidade em o poder conhecer pessoalmente, mas tardava essa possibilidade.

Ironia do destino, somos cúmplices à cerca de 24 anos . Viagens mais que muitas, sendo que a mais longa foi a Paris para assistir ao França – Gales. Inesquecível. Obrigado Manel.

Faz-se ouvir onde quer que esteja, fazendo questão de dizer "o que mais me custou em isolamento foi o não poder falar". Ó Manel amanhã temos que ir ali...a que horas? Lá estamos de pé e à ordem. É sempre assim e sem vacilar. Quando preciso de saber alguma coisa da revolução ou fora dela, ó Manel como foi aquilo? A resposta é ser precisa e concisa. E cuidado que o cavalo pode ter o freio dentes...inquieto sempre.

O Carlos Dias foi muito feliz em escolher "a Biblioteca da Benfeita" com o nome do Manel. Bem hajas Carlos, o Manel merece.

Não podendo ser eterno, precisamos dele mais uns anitos.

VIVA O MANEL

António Augusto

MANEL DA COSTA em louvor do lápis

Era na altura um jovem curioso do mundo, quando sobre o rugby, aprendi com o Manuel da Costa, o que deveriam aprender todos os que se propõem a serem iniciados neste jogo, isto é : cidadãos construtores dum mundo melhor.

Éramos recebidos nesse templo de fraternidade e sabedoria, ali ao lado do Mondego, com uma muito informal palestra, que nem dávamos por isso, sobre a responsabilidade que iríamos assumir se persistisse-mos no caminho agora iniciado. Queríamos jogar rugby na A.A.C..

Tínhamos sido convocados para nos encontrarmos, para sentir a respiração do outro, para nos associarmos com o outro, e o outro era sempre o nosso irmão que ali estava para crescer connosco em comunhão fraterna. Foi assim que me iniciei no rugby e foi assim que o palestrante, equipado de preto, rematou que neste jogo, ao arrepio da sociedade, não se ganhava o que os outros perdiam. O aviso era por todos entendido, pelo menos por todos que não desistiam da iniciação, penso mesmo por todos que eram já jogadores da Académica e do rugby sem ainda na verdade terem pegado sequer na bola Assim nos recebeu o Manel da Quinta, o Manel, o Manuel da Costa, assim o nosso treinador entendeu ser esta a palavra que fortifica.

Este o rugby que valia a pena jogar!

Concluía o Manel, agora que a sua voz trovejante dava lugar a uma voz mais confidente e apaziguadora. Tinha desabafado!

Assim fui levado a ver o rugby como caminho, o que na altura me levou a pensar que este jogo só poderia ter nascido da cabeça de um nómada; um jogo de muitos percursos onde se emaranham em cruzamentos a pedir alminhas para dele saírem mais limpos na procura de espaços novos, recomeçando sempre na busca de outros prados livres onde apassentar novas virtudes e clamar nova convocação, nova pausa para sempre se reiniciar a jogada perseguida e sonhada. Um jogo de errância é certo mas também, de paciência e de espera mas sempre inquietação na busca do lugar. A destreza combinada com a sabedoria e com a aventura de errar o passe ou a ousadia dum lance certeiro nunca a vitória se casava, como proclamava o Manel, com a fraqueza e apoucamento do outro . O rugby da Académica que vinha do professor Brum e consubstanciava no Ciniro, no Pegado ,no Manel, era esse encontro fraternal de todos para todos sermos melhores. Uma liberdade como não dominação ,uma implícita participação do outro .Só no rugby de Coimbra ! onde aprendi que ninguém é profeta sem antes ser pastor, somos (os do rugby de Coimbra) definitivamente nómadas, insatisfeitos ,na procura do nosso centro -do nosso adro onde a participação cívica tivesse lugar.

Não esqueço uma conferência sobre a arbitragem, que o Manuel da Costa fez, bem antes da data inicial e limpa, que foi nada mais que uma lição de cidadania, um apelo, mais um desabafo, mais um grito, para a participação activa na construção duma sociedade melhor - mais justa mais fraterna. Nesse escrito, nesse grito despertador o conferente sublinhava a traço grosso a valorização do árbitro. Este não estava ali para sancionar, não estava ali juiz de olho gordo a apanhar faltosos. Não! O árbitro era mais um parceiro para nos tornarmos melhor, para sermos melhores, para sermos mais e mais os convocados para construirmos este templo da paz que o rugby, que o jogo, que cada jogo, nos oferecia mais uma oportunidade.

Não vou falar da terceira parte do jogo, os iniciados conhecem-na bem ,mas queria só lembrar que o árbitro era um parceiro nessa terceira parte onde erguia com entusiasmo o copo aos brindes infindáveis onde saudávamos a alegria a vida e a esperança.

Quando comecei a escrever não pensava aqui chegar, mas são assim as boas conversas, apenas queria contar esta história -saborosa e enriquecedora e definidora.

Sou um louvador do lápis, seja duro ou macio, apontando num caderninho pequenos detalhes ou com mais largo gesto riscando o modelo nu, ou gasto até ao tutano como o utiliza a grande poeta Regina Guimarães, ou no louvor desse encantador poeta e celebérrimo boémio coimbrão, João Penha, que escrevia os seus poemas com estimado lápis. Eu, onde o mais gostava de o ver era preso na orelha dos carpinteiros na oficina do meu tio Quinta Feira, aqui na Benfeita. O Manuel da Costa também emparceira como bom oficial de seu ofício nesta confraria dos louvaminhas do lápis. Vou contar: aconselhava o Manuel da Costa, nessa conferencia que vos falei ,que os árbitros utilizassem o lápis e sobre a sua utilização dava uma série de vantagens - leveza, comodidade, e, escrevia sobre qualquer suporte, mesmo debaixo de chuva e até no espaço, e, claro, convenientemente afiado. Relembrava eu ao Manuel da Costa este louvor do lápis quando me interrompe e judiciosamente corrige: afiado dos dois lados!

Só o rugby de Coimbra é capaz destes sortilégios!

Um tríplice abraço fraterno e o meu ternurento agradecimento.

Carlos Dias

Para nós, nem tragédia nem farsa. Regressamos aos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade para, sobre o Nosso Desígnio Iniciático dirigir a tal Nova Ordem Mundial, que o mesmo é dizer concluir as Obras do Templo.

Coimbra, 10 maio 2014 , Manuel da Costa

EDITORIAL MOURA PINTO

Edição 150 exemplares

Distribuídos gratuitamente em Côja a 17 de Outubro de 2020